



**BAHIA**

**Monitor Encouraçado**

**Incorporação:** 17 de janeiro de 1866.

**Baixa:** 1894.



(Acervo: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha)

Monitor encouraçado, construído nos estaleiros de Laird, de Birkenhead, em Liverpool, na Inglaterra, por encomenda do Governo do Paraguai; mas que, em consequência da guerra declarada ao Brasil, não podendo satisfazer seus compromissos externos, perdeu o navio, que foi adquirido pelo Governo Imperial. Foi lançado ao mar em 11 de junho de 1865 e trazia o nome mitológico de *Minerva*, a Deusa da Sabedoria e das Artes, também cognominada Palas, filha de Júpiter, de cuja cabeça, aberta a machado, por Vulcano, saiu ela armada.

Aportou à Baía de Guanabara no dia 12 de janeiro de 1866, depois de viagem de 30 dias sob o comando do Capitão de Fragata José Antônio de Faria. Vinha consignado à firma John Mayl & Companhia do Rio de Janeiro. Por Aviso de 17 do mesmo mês e ano, foi-lhe





## Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



mandado passar mostra de armamento como corveta couraçada, o que teve lugar no dia 22. Por Aviso de 24, foi nomeado seu comandante o Capitão de Fragata Joaquim Rodrigues da Costa. A circular nº 11, de 26 do referido mês, fez constar a sua incorporação à Esquadra com o nome de *Bahia*, recebendo o distintivo nº 9.

Terceiro navio a ostentar o nome Bahia na Marinha do Brasil, recebeu o nome de uma das grandes e florescentes Províncias do Império, atualmente Estado da República, onde se desenrolaram fatos importantes da nossa história. Limita-se com o Atlântico e com os Estados de Pernambuco, Piauí, Goiás, Sergipe, Alagoas, Minas Gerais e Espírito Santo. O primeiro foi o antigo *Colonel Allen* que, aos 13 de março de 1823, aportava à Baía de Guanabara, sob o comando do Capitão de Longo Curso Bartolomeu Hayden, procedente do Porto de Valparaíso, República do Chile. O segundo foi um Brigue Mercante, também conhecido como Pacote da Bahia era uma embarcação de casco de madeira, de propulsão a vela, aparelhada em patacho que, já em 1818, figurava na Marinha de Guerra portuguesa e foi desarmado em 1836.

O *Bahia* deslocava 928 t, tinha 178 pés ingleses (54.25 m) de comprimento, 35 pés de boca, 11 pés de pontal, 9 pés de calado à vante e 10 pés à ré. Dispunha de um só leme que lhe dava bom governo. Contava com duas caldeiras e duas máquinas de tríplice expansão, que acionavam dois hélices. Tinha a força de 144 cv e velocidade máxima de 9 milhas horárias. Contava uma só chaminé por ante a ré do mastro grande. Era aparelhado com três mastros e mastaréis mochos, com caranguejas para envergar pano latino. O traquete tinha uma verga redonda. Disparava um gurupés. O passadiço ficava por ante a vante do mastro grande.

Constava seu armamento de uma torre de aço giratória, com duas peças raiadas de calibre 150, sistema Whitworth. Tinha dois escaleres, um por bordo, içados em turcos. Pelo Aviso de 26 de janeiro de 1866, foi-lhe designado uma tripulação de 120 praças.

Partiu para o Sul a 3 de fevereiro de 1866. Tocou em Santa Catarina, em março, chegava a Corrientes. A 17, suspendeu águas acima. Foi incorporado à 1ª Divisão da Esquadra. A 23, entrou pela primeira vez em fogo contra os paraguaios. A 26, voltou a bombardear o Forte de Itapiru e uma chata inimiga. No dia 28, continuou o bombardeio,





muito próximo do inimigo, na distância de duas para três amarras, sendo atingido por 39 balas de calibre 68. A 2 de abril, tomou posição acima de Itapiru, a fim de sondar o rio em frente ao Passo da Pátria. Continuou o serviço no dia 3. No dia 5, auxiliou a proteção do transporte de tropas brasileiras e material de guerra, indo depois postar-se o mais perto possível da Ilha da Redenção. No dia 6, ao clarear do dia, em apoio às tropas brasileiras entrincheiradas na referida ilha, abriu fogo, acompanhado do *Tamandaré*, lançando bombas contra o Forte de Itapiru. Às 7 horas de 16 de abril, suspendeu em divisão e foi tomar posição a fim de proteger o desembarque do Exército brasileiro em território inimigo, fundeando a umas 50 braças de distância da margem paraguaia.

No dia 16 de junho de 1866, pelas duas horas e meia da madrugada, o vigia de proa deste navio avistou um torpedo que, abandonado à corrente, descia em direção à proa do navio. Desviado a tempo, e encalhado na margem, reconheceu-se que a pólvora estava avariada. No dia 4 de setembro, acompanhado dos outros navios, bombardeou durante algumas horas o Forte de Curupaiti. O *Bahia* recebeu 38 balas, ficando feridos levemente, o Primeiro-Tenente José Bernardo de Queiroz e três imperiais marinheiros, sendo ferido gravemente um outro imperial. No dia 22 de setembro, juntamente com a Esquadra, bombardeou o Forte de Curupaiti ao mesmo tempo em que o Exército brasileiro se preparava para o assalto. “O inimigo – diz um cronista – respondia com vivacidade ao terrível fogo da Esquadra, fazendo de preferência pontaria sobre o *Bahia* que, pela posição, servia melhor de alvo...”

A 1<sup>o</sup> de janeiro de 1867, assumiu seu comando o Capitão de Fragata Victor de Santiago Subrá. No dia 8, na Divisão do Chefe Rodrigues, fez um reconhecimento às baterias de Curupaiti. No dia 2 de fevereiro, com outros navios, bombardeou o forte inimigo de Curupaiti. A 12 de março, deixou o seu comando o Capitão de Fragata Subrá, sendo substituído pelo Capitão-Tenente Guilherme José Pereira dos Santos. No dia 15 de agosto, ao romper da alvorada, preparava-se a Esquadra para vingar o Passo de Curupaiti. Fazia o *Bahia* parte da 3<sup>a</sup> Divisão, chefiada pelo Capitão de Mar e Guerra Rodrigues da Costa. A operação foi bem sucedida. A 26 de setembro, os paraguaios conduziram uma peça raiada para uma





## Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



boca de mato, na barranca abaixo de Humaitá, e em frente da Esquadra couraçada. Dali romperam fogo contra o *Tamandaré* e o *Bahia*, “que lhes responderam eficazmente, obrigando-os a recolher-se às trincheiras”.

No dia 19 de fevereiro de 1868, fazendo parte da 3ª Divisão da Esquadra sob a chefia do Capitão de Mar e Guerra Delfim Carlos de Carvalho, forçou a passagem de Humaitá, tendo suspenso à meia-noite do Porto Elisiário, onde se achava. “Em frente às baterias inimigas, os cabos de reboque que ligavam o Monitor *Alagoas* ao *Bahia* são cortados pelas balas inimigas...”

“Membros esparsos... corpos mutilados...  
O sangue a espadanar na lama impura...  
Grito infernal em dança de demônios...  
Rúbido lago em vasta sepultura!...  
Quando a fileira negra de elefantes,  
De elefantes do mar... passou... passou...  
Ouviu-se ao longe um brado de vitória  
Entre a nuvem de luz que rebentou!”

Cantou José Bonifácio, o *Moço*, o grande Feito Naval.

No dia 20 de fevereiro de 1868, com o *Barroso*, e o *Rio Grande*, suspendeu do Tagi para a Assunção no Paraguai. No dia 24, já em frente aquele porto, bombardeou o Palácio de Sólano López e o Arsenal de Marinha inimigo. Pelo Decreto nº 4.117, de 14 de março do mesmo ano, foi estabelecido que fosse içada no seu mastro de proa, mesmo que nele panejasse qualquer outro distintivo, a Fita da Ordem do Cruzeiro, que não devia nunca ser arriada; e que no centro da roda do leme se fixasse a Venera de Oficial da referida Ordem.

A 23 de março de 1868, auxiliou a destruição dos vasos paraguaios *Taquari* e *Igureí*. Seus certos tiros meteram a pique o primeiro deles junto de um banco situado ao Norte da Ilha do Araça. No dia 2 de maio, em divisão, auxiliou o transporte para a Península do Araçá, na margem esquerda do Rio Paraguai, de cinco batalhões de infantaria, uma bateria de artilharia e um contingente do Batalhão de Engenheiros. O desembarque foi feito com auxílio





dos outros navios. O *Bahia* teve um marujo ferido nessa ação. No dia 4 de maio, junto com o Monitor *Pará*, metralhou uma Força paraguaia que havia atacado uma Força brasileira. O inimigo foi repulsado com grandes baixas. No dia 8 do referido mês, auxiliou uma Força do Exército brasileiro a tomar e arrasar fortificações inimigas na Ponta do Chaco e repeliu os contra-ataques adversos. A 6 de junho, com outros navios, bombardeou as Fortificações de Tibiquari, protegendo o reconhecimento que, por terra, fazia a força do General Menna Barreto.

No dia 21 de julho de 1868 participou do bombardeio do novo Estabelecimento e forçou as baterias do Timbó, indo depois fundear em Tagi. No dia 24 de julho, com o Chefe Delfim Carlos de Carvalho, em Divisão, forçou a Passagem do Tibiquari. “Ao investir o canal – informava o Almirante Inhaúma –, foram os navios recebidos por vivíssimo fogo e, não obstante as certas pontarias, as descargas repetidas e a profundidade quase a queima bucha por que passaram, transpuseram estes navios esse famoso Passo; às 10 horas bombardearam o Acampamento de São Fernando e depois, subindo até a Foz do Arroio Recodo, onde se achavam fundeados dois pequenos vapores inimigos, os hostiliza”. Depois o *Bahia* prosseguiu até o ponto denominado Herradura e, explorando as margens do rio, apenas descobriu alguns piquetes. Às 15 horas, voltou águas abaixo e, juntando-se aos companheiros, passou de novo o Tibiquari. No dia 30 de agosto, fazendo parte da Divisão do Chefe Delfim Carlos de Carvalho, Barão da Passagem, entrou no Rio Tibiquari para proteger a passagem do Exército brasileiro. Bombardeou as fortificações inimigas, desmontando-lhes peças. A 1º de setembro continuou na proteção das tropas nacionais. A 1º de outubro, em Divisão, pelas 4 horas da madrugada, forçou as baterias de Angostura. No dia seguinte, prosseguiu rio acima e alcança Villeta, contra a qual dispara algumas bombas; fica ali fundeado até o dia 5, quando suspendeu com destino a Assunção. Pelas 10 horas do dia, o *Bahia* encalhou em frente da Barranca de Santo Antônio e só se safou às 13 horas. Como o rio baixasse com muita rapidez, o Chefe resolveu voltar, vindo fundear à vista de Angostura.

No dia 8 de outubro de 1868, um guardião e seis praças de uma chalana do navio, foram mandados ao Chaco para observar os movimentos do inimigo, sendo repentinamente





atacados por uma força regular de infantaria inimiga, morrendo no combate o guardião e um imperial marinho. “O inimigo estendeu imediatamente linha de atiradores sobre a barranca, e rompeu vivo fogo de mosquetaria sobre a tolda dos navios, respondendo-lhe estes com metralha. Foram feridos dois imperiais marinheiros na tolda do *Bahia*.” No dia 29 de novembro, suspendeu em Divisão de Villeta, com destino à Cidade de Assunção, em cujo porto fundeou às 11 horas, rompendo fogo contra a cidade, o qual durou até às 15 horas. À noite, fundeou junto de Lambaré. No dia 30, suspendeu e reuniu-se à Esquadra. A 4 de dezembro a Esquadra começou a Passagem do Chaco para a Barranca de Santo Antônio.

Em 1868, comandaram-no os Capitães de Corveta Antônio L. von Hoonholtz, Garcindo Fernandes de Sá e Francisco Speridião Rodrigues Vaz. Terminada a campanha, passou à Flotilha de Mato Grosso. Foi posto em disponibilidade, de acordo com a Ordem do Dia nº 127, de 27 de outubro de 1873, entrando em fabrico. Passou mostra de armamento por Aviso de 19 de maio de 1874. A 13 de fevereiro de 1879, hasteava o Pavilhão do Barão de Ivinheima.

Em março de 1881, encontrava-se em Santa Catarina. A sua Bandeira quando passou Humaitá foi recolhida e encontra-se no Museu Naval, no Rio de Janeiro. Por Aviso de 28 de novembro de 1884, teve o distintivo nº 6. A 20 de março de 1885, foi mandado armar. Seu armamento foi aumentado com duas metralhadoras. Passou mostra de armamento por Aviso de 27 de março de 1885. Ao proclamar-se a República em 1889, estava na Flotilha de Mato Grosso. Em 1892, encontrava-se em Santa Catarina, e em maio fez parte da Divisão mandada a Mato Grosso abafar um levante. Aportou em Montevideu em 18 de novembro de 1893.

Em 1893, durante a Revolta da Armada, recebeu ordem para estacionar em Montevideu, quando se dirigia para Assunção. A 15 de novembro, chegou o navio à Cidade argentina do Rosário, tendo deixado a Vila do Pilar. Vinha conduzido pelo Rebocador *Solis* por ter perdido o leme. Suspendeu a 16 e deu fundo em Montevideu no; dia 18, acompanhado do Cruzador *Tiradentes*, que desfraldava o Pavilhão do Almirante Gonçalves. À tarde entrou ele para o Dique *Mauá*, para receber novo leme e outros reparos. “Achavam-se, porém, em tão deplorável estado a torre, as carretas da artilharia e a própria máquina, que só após 45 dias





## Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



de concerto pôde, o mesmo, tomar parte no exercício que organizei para conhecer do valor deste vaso de guerra” – disse o almirante no seu relatório. Mandou-se preparar-lhe um aríete. Ficou fazendo parte da 3<sup>a</sup> Divisão da Esquadra Legal. Em maio de 1894, foi mandado subir para Assunção. Regressou a Mato Grosso.

Entre outros, foram seus comandantes: Carlos S. B. Varella, Barão de São Marcos, Manoel Lopes da Cruz, Antônio Pompeu Cavalcanti, José Nolasco Pereira da Cunha, Felinto Perry, Francisco Gavião Pereira Pinto, Rodrigo Antônio de Lamare, Gaspar Rodrigues, A. Soares Dutra, Delfim Pereira, Alfredo Luciano de Abreu Santos Matta, Faria Veiga, Pedro Lopes da Conceição, Marques Mancebo, M. Wanderley, F. Pereira e Souza, L. Pinto de Sá Tave.